

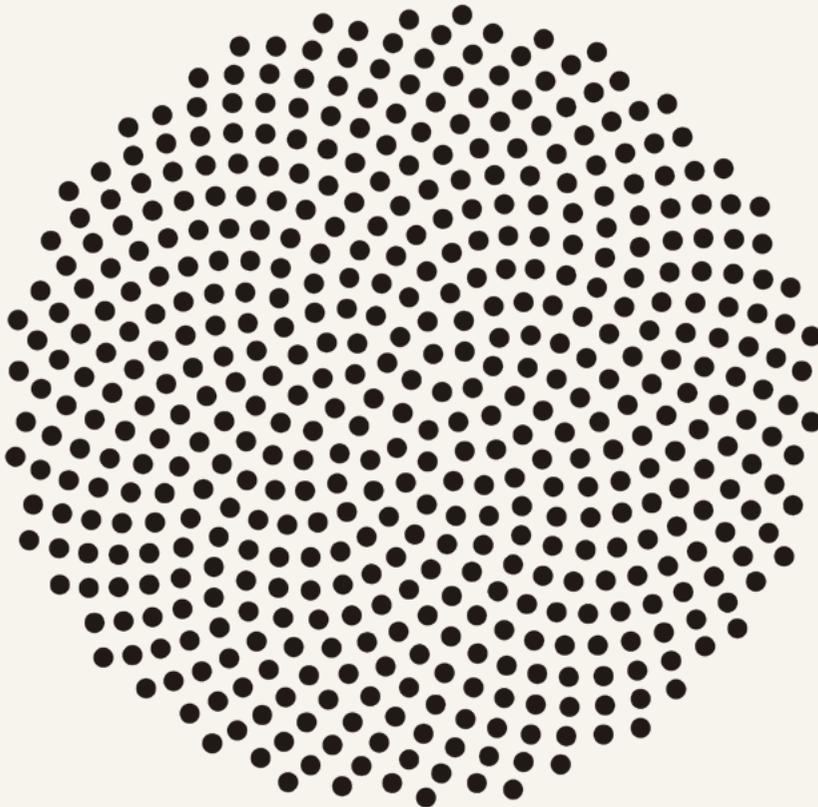
**MIL NOMES  
DE GAIA**



FABIANA DULTRA BRITTO

*Professora titular da Escola de Dança da UFBA  
e coordenadora do Laboratório Coadaptativo  
LabZat (PPGDANÇA/UFBA)*

*Livro: "Os Mil Nomes de Gaia: do Antropoceno à Idade da Terra: volume 1"  
Org.: Déborah Danowski, Eduardo Viveiros de Castro e Rafael Saldanha*



Livro de estreia da Editora Machado (RJ), *Os Mil Nomes de Gaia: do Antropoceno à Idade da Terra: volume 1*, organizado por Déborah Danowski, Eduardo Viveiros de Castro e Rafael Saldanha, reúne as comunicações apresentadas no Colóquio Internacional com mesmo nome, ocorrido em 2014, na Casa Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, com realização do Departamento de Filosofia da PUC-Rio e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da UFRJ.

Concebido por Eduardo Viveiros de Castro (UFRJ/CNPq), Deborah Danowski (PUC-Rio/CNPq) e Bruno Latour (Sciences-Po, Paris), o Colóquio, organizado por Cecilia Cavalieri (mestranda, UERJ), Alyne Costa (doutoranda, PUC-Rio), Deborah Danowski, Juliana Fausto (doutoranda, PUC-Rio), Felipe Sússekind (PUC-Rio/CAPES/FAPERJ) e Eduardo Viveiros de Castro, foi certamente um gesto antecipador não apenas como divulgação, no Brasil, do debate internacional sobre o tema do Antropoceno mas, especialmente, como construção de um debate qualificado e politicamente posicionado quanto às ideias apresentadas e quanto ao contexto nacional atual de sucessivas monstruosidades desferidas pelo governo federal a tudo e todos cujas existências não apenas dependem do equilíbrio ecológico, mas são um de seus fatores de constituição.

A defesa dos povos originários, dos povos das florestas, dos povos quilombolas, dos povos sertanejos, dos povos ribeirinhos, dos povos sem terra e outros grupos humanos assentados em territórios brasileiros cuja preservação é sua única garantia de sobrevivência, já era uma antiga *causa urgente* apontada por antropólogos (como Eduardo Viveiros de Castro), indigenistas, geógrafos e biólogos, mas tornou-se uma pauta de dimensões bem mais amplas e com adesões bem mais abrangentes desde que o risco de consequências globais tornou-se mais iminente, com o avanço dos estudos e a responsabilidade do modo de vida capitalista, que ficou mais evidente com o advento da pandemia SARS COV-2.

Entre o Colóquio e o seu livro derivado, transcorreram-se 8 anos que precisam ser considerados para melhor contextualização das diferenças entre as ideias lá ditas e estas aqui escritas pelos mesmos autores, e para maior clareza sobre os desdobramentos, no tempo, daqueles conteúdos abordados.

Este primeiro volume impresso inclui textos de 16 autores e autoras entre brasileiros/as e estrangeiros/as, atuantes em diferentes áreas do conhecimento e ativistas em diferentes setores da vida pública, que participaram do Colóquio apresentando suas contribuições ao debate proposto pelos seus organizadores:

Página anterior: Figura 1. Uma imagem gráfica de pontilhado preto no fundo branco, cuja simetria da distância entre os pontos isométricos numa moldura circular simula um movimento contínuo e descentralizado de infinito espiral. De qualquer ângulo que se fixe o olhar se vê espirais entrelaçadas, sem começo nem fim aparentes, além da borda invisível do círculo. Certamente uma imagem emblemática do que postula o título. Fonte: Arte de André Vallias, disposta na folha de rosto do livro publicado pela Editora Machado (RJ).

abordar a crise ambiental planetária, confrontando perspectivas, descrições, ações e proposições com vistas a “aumentar a sensibilidade da Academia e da intelectualidade em geral para a urgência, gravidade e significação histórica” do problema.

O conjunto de textos inclui duas entrevistas – de Alyne Costa com Clive Hamilton, sem referência a contexto ou data; e de Juliana Fausto, Eduardo Viveiros de Castro e Déborah Danowski com Donna Haraway, realizada em 2016 – e 14 artigos tratando de um amplo e inusitado espectro de questões, tais como: a memória da Terra (Bronislaw Szerszynski); a aproximação etimológica entre as palavras “ecologia” e “economia geral”, para refletir sobre o significado do tempo no antropoceno (Peter Szendy); a situação do Brasil na construção de uma “cultura do antropoceno” (José Augusto Pádua); a defesa da ressocialização do “desencantado mundo do materialismo naturalista” (Renzo Taddei); a estranheza do acontecimento do antropoceno e sua relação com “experimentações literárias sobre o deslocamento perceptivo” (Déborah Danowski); o problema do “sucesso do prefixo Gaia”, hiperativo, em contraponto ao caduco prefixo “geo”, analisado a partir da crítica feroz ao livro de Toby Tyrrell “*On Gaia: a critical investigation of the relationship between life and earth*” (Bruno Latour); a ideia de cosmoecologia e a defesa de um ethos das maneiras de habitar “um mundo em vias de ser destruído, recusando, local e ativamente, sua destruição”, como sendo uma escolha política e estética, no sentido de “composição” entre diferentes formas de vida, analisando a substituição dos saberes do pastoreio pela produção industrial animal (Vinciane Despret e Michel Meuret); e a extinção de formas de vida como empobrecimento do mundo, aludindo ao antropoceno como regime de exceção que faz desaparecer os “subversivos” cujo modo de vida está em desacordo com aquele único aceito pelo poder vigente (Juliana Fausto).

351

Na mesma linha crítica à crescente diminuição da diversidade, ainda há o texto sobre o perigo do sertão do mundo como risco de inviabilidade da existência, referindo-se à monocultura latifundiária (e seus componentes de eliminação da agrobiodiversidade, da alimentação familiar e das feiras populares, da toxicomania de adubos químicos, a catequese da assistência técnica. . .) como integrantes do “projeto colonial” e aludindo ao Nordeste como máquina de guerra inventada pelo colonizador contra o sertão brasileiro (Rondinely Gomes Medeiros); e o estudo sobre a atualidade da obra “*Primer nueva coronica y buen gobierno*” escrita em 1612 pelo autor indígena andino Waman Puma de Ayala, para “compreender melhor e descobrir os mecanismos que explicam/produzem sua colonização” e “os elementos que induzem ao apaziguamento e à paralisia de sua iniciativa histórica” (Silvia Rivera Cusicanqui); a ideia de que a guerra de Gaia é também uma guerra estética e imaginária, sugerindo – a partir de Oiticica e Oswald Andrade – apropriar antropofagicamente o ambiente e, bem humoradamente nomeando de “gaiatos” aqueles que “absorvem Gaia fazendo dela uma experiência não métrica” de limite, e de “gaiatologia” o conhecimento da subsistência (Alexandre Nodari).

Há, ainda, uma reflexão sobre a ausência da categoria de sobrenatureza no discurso filosófico da modernidade sugerindo de que “a interpretação do Antropoceno como evento sobrenatural poderia evitar, de saída, a falácia simultaneamente especista e racista contida na ideia de que o homem [...] é o sujeito absolutamente neutro e impessoal, responsável pela catástrofe” (Marco Antonio Valentim); e outra sobre a necessidade de ser preservada a distinção entre Natureza e Cultura, Sujeito e Objeto, como categorias analíticas fundamentais à compreensão do desenvolvimento tecnológico e do dinheiro como fatores intrínsecos à crise ecológica global (Alf Hornborg). E, por fim, o mais longo texto, com 80 páginas (sendo 6 de referências) que nos explica o significado do Antropoceno sob a ótica das Ciências da Terra, mencionando o Antropoceno Working Group criado para “examinar a adequação da adoção do antropoceno como nova divisão do tempo geológico formalmente aceita” (Alexandre Costa).

Embora a ampla variedade das abordagens pudesse sugerir um caráter enciclopédico (na melhor acepção do termo) ao livro, deduz-se uma clara coesão de sentido no conjunto dos artigos e entrevistas, todos criticamente posicionados sobre os danos crescentes ao planeta Terra e as formas de vida que lhe compõem, entendidos como resultantes da ganância irrefreável do sistema capitalista e seus valores individualistas, imediatistas, negacionistas da amplitude da crise e refratários a soluções de esforço global.

352

Para além do próprio significado combativo já evidente no gesto da sua publicação, encontramos na leitura sequenciada do livro uma força instrutiva e formativa nada desprezível ante às exigências de conhecimento especializado que a complexidade do assunto – e sua perigosa assimilação midiática – requer. Além do mérito de contribuir para a necessária popularização do problema e ampliação de suas referências analíticas, o livro nos alerta para a própria condensação do problema que enfoca, direcionando a leitura para a compreensão de que se trata de um complexo engendrado pelo desequilíbrio da dinâmica relacional estabelecida entre os seres, matérias, energias e os processos componentes da Terra, cuja possibilidade de controle depende do reconhecimento do coprotagonismo de todos os agentes e suas respectivas responsabilidades. Cada artigo se liga aos demais como diferentes ênfases de um mesmo e único emaranhado situacional, cuja leitura pode transcorrer em qualquer ordem e a qualquer tempo, seja para melhor compreensão e confrontação de posições ou para consulta mais específica de algum dado, conceito ou argumento. Certamente, um livro para ficar à mão.

Há nessa empreitada editorial de dar forma impressa às falas apresentadas no Colóquio um movimento bem mais laborioso e sutil do que supõe o leitor apressado em busca de encontrar no livro os Anais tardios do evento. Trata-se do movimento de compor nova organização àquele conjunto de falas que, deslocadas do seu espaço-tempo “original” (supondo que houvesse), resultam

numa nova tessitura lógica discursiva que lhes confere novo sentido. Quase uma “composição por montagem”, nos termos propostos por Paola Berenstein Jacques (2020), como uma prática de experimentar diferentes arranjos agregatórios dos elementos, favorecendo novas percepções – e compreensões – do todo, conforme variam as posições em que são dispostos no conjunto.

Uma operação nada simples que extrapola o gesto seco da ordenação cronológica das apresentações ou alfabética dos autores, porque implica aludir ao evento que lhe justifica sem reduzir-se à ele (ou já estaria 8 anos defasado) mas, antes, expandindo-o como caixa de ressonância criativa daquele momento e situação cujo impacto e consequências ganham outro fôlego ao alcançar novos interlocutores – inclusive, já mais qualificados pelo adensamento do debate sobre o tema que, desde então, pulverizou-se ganhando cada vez mais presença nas livrarias, salas de aula, teses, museus e rodas de conversa.

Nesse sentido, a decisão dos organizadores de publicar em livro o material do Colóquio se mostra uma acertada percepção da insuficiência do encontro presencial como fórum de debate e interlocução, quando se deseja sensibilizar todo mundo ao problema, não somente universitários, intelectuais, cientistas e ativistas que o estudam e o combatem.

E a escolha do livro de estreia mostra-se uma inteligente estratégia de inserção da Editora Machado no mercado editorial. De um lado, apresentando-se como uma casa de livros afinada com os atuais debates acadêmicos, intelectuais e com as ações dos novos ativismos políticos emergidos das camadas populares, dos povos originários, das etnias e populações mais negligenciados e vulnerabilizados, a Machado parece apostar justamente naquele nicho de produção cultural tão fortemente atacada e socialmente rebaixada pelo atual governo federal e os setores conservadores da sociedade que lhe dão sustentação. De outro lado, agregando esse amplo espectro de excelentes autores e autoras numa mesma obra, parece abrir-se como “plataforma amigável” para seus futuros projetos autorais. Nos dois casos, só temos a celebrar!

Considerando, ainda, que todas as comunicações proferidas no evento sofreram atualizações posteriores sendo, inclusive, reescritas e, ao longo desses 8 anos, derivaram ainda em outros escritos e comunicações desses autores e autoras, é um alento constatar que a Editora Machado, mesmo em sua estréia, não se dobrou ao critérios do ineditismo que tanto corrói o espírito acadêmico e as políticas culturais.

Dois reparos não podem deixar de ser registrados: a ausência inexplicável das apresentações biográficas de cada autor e autora, que nos impede de localizá-los/as no mundo e nas suas áreas de atuação; de melhor situar suas intervenções e melhor nos posicionar frente a elas; e algumas falhas de revisão que rompem o fluxo da leitura com estranhamentos de concordância e sentido em algumas

frases (especialmente as traduções), de ortografia em algumas palavras e notas de rodapé repetidas. Ambos ajustes certamente previstos para o Volume II, cujo lançamento já aguardamos ansiosamente para conhecermos as intervenções dos demais participantes do Colóquio mas, também, para confirmarmos a continuidade da Editora Machado, que nos chega como boa promessa de novas referências aos nossos repertórios. 

**PARA CITAR:**  
BRITTO, F. D. Os Mil Nomes de Gaia (resenha).  
Redobra, n. 16, ano 7, p. 349-354, 2022.

